

Estética da Recepção: novos horizontes para o ensino de Literatura

Ana Maria Ferrari

Orientadora: Mariana Sbaraini Cordeiro

Resumo: Análise de resultados de projeto que propôs o ensino de Literatura no Ensino Médio partindo dos pressupostos da Estética da Recepção e a produção de uma Unidade Didática embasada nessa teoria, aplicada em duas terceiras séries do Colégio Estadual Santo Antonio no primeiro semestre do ano letivo de 2009. A Unidade Didática apresentou textos diversos com o tema “medo” com atividades variadas (orais e escritas). Relato da experiência com os alunos e os resultados obtidos com a aplicação do método recepcional.

Palavras-chave: Literatura; Ensino de Literatura; Estética da Recepção.

Abstract: This article has as the main aim to analyze the focused on the Literature Teaching for a High School having as support the Reception Theory . The work of search was conducted throughout the year 2008 and to elaborate was teaching unit applied in Santo Antonio Public High School in the first half of the year school 2009, with two third series. The Didactical Unit had different texts based on “Fear” theme with several activities (oral and written). As the results of this research that allied Reception Method and the applicability of its method got a report on experience with students, learning results and suggestions were gotten on GTR.

Keywords: Literature; Literature Teaching; Reception Theory.

1. Introdução

Ao iniciar o PDE era necessário ter-se um problema relacionado ao ensino que fosse importante o suficiente para justificar um estudo mais profundo e uma busca por soluções inovadoras. Depois de ter algumas experiências com o Ensino Médio, percebeu-se o desafio que o ensino de Literatura se apresentava na atual disposição da grade curricular de Língua Portuguesa utilizada na maioria das escolas públicas do Estado do Paraná. São poucas aulas dispostas nos três anos de Educação Geral e que pretendem revisar e ampliar conhecimentos adquiridos durante o Ensino Fundamental. Pensando nesta questão e conhecendo a dificuldade de levar o jovem a ler

Professora de Língua Portuguesa e Literatura da SEED, grupo PDE 2008, especialista em Educação: Metodologia e Fundamentos.

textos literários no Ensino Médio que ampliem seu horizonte de expectativas; a dificuldade do aluno em entender o contexto de produção da obra literária e o contexto de sua leitura; e a possibilidade de diálogo da Literatura com outras artes e áreas do conhecimento tornou-se relevante uma pesquisa em que os materiais produzidos auxiliassem outros professores e alunos que tivessem acesso a estes facilitadores da aprendizagem.

Ressalta-se que o ensino de Literatura no Ensino Médio está intimamente ligado a técnicas de leitura e produção de texto que devem perpassar todas as atividades elaboradas. E de acordo com a Diretriz Curricular de Ensino (DCE) deve propiciar uma prática diferenciada com os conteúdos estruturantes da disciplina para seu aprimoramento trazendo “sabor ao saber”.

Porém os professores veem encontrando dificuldades com o ensino de Literatura no Ensino Médio, pois não dispõem nem de material didático adequado e nem mesmo de tempo para desenvolver atividades complexas, visto que no Ensino Médio divide-se o número de aulas com muitas outras disciplinas.

Marisa Lajolo aponta que as teorias de Literatura que existem contribuem pouco para a prática da leitura, mas têm influenciado muito na leitura escolar:

Sua influência, na leitura escolar, traduz-se, por exemplo, em inspirar roteiros ou atividades de leitura, a serem executados em classe, sob a batuta de um professor que via de regra desconhece a paternidade ilustre das atividades que desenvolve em suas aulas. Ensinar que um texto é épico ou lírico, que tal passagem ilustra o nacionalismo romântico, que tal outra representa o estilo telegráfico de Oswald de Andrade [...] são conteúdos escolares e derivam da circulação que, no contexto escolar, têm convenções e protocolos da leitura literária (2005, p.92).

O ensino de Língua Portuguesa e Literatura, nesta etapa da escolarização, deve ser capaz de formar um cidadão autônomo, capaz de interagir com a realidade contemporânea. Essa disciplina é fundamental, pois a linguagem permeia todas as atividades humanas, numa sociedade onde as informações surgem e se propagam numa velocidade espantosa.

Segundo avaliações feitas com estudantes do Ensino Médio (ENEM e SAEB), estes apresentam baixo desempenho quanto à leitura. E os alunos

que alcançaram melhores resultados, ainda não teriam se tornado leitores críticos, pois não conseguiam identificar recursos discursivos mais sofisticados.

Assim, a Literatura contribui muito para o desenvolvimento das capacidades leitoras do aluno, ao mesmo tempo em que amplia seus horizontes lingüísticos, culturais e pessoais.

O ensino, há mais de um século, vem sendo feito sempre do mesmo modo: privilegiando o aspecto cronológico da história literária. Tentando modificar algo nessa metodologia é que se propõe esta pesquisa, buscando na “Teoria da recepção” de Hans Robert Jauss alternativas para apresentação da Literatura aos alunos sem eliminar a história, mas aproximando autores e obras de diferentes épocas, aproximando a literatura de outras linguagens artísticas (cinema, música, teatro etc).

Marisa Lajolo (2005, p. 90) também aponta que a questão da recepção contribui com a prática escolar da leitura (da leitura literária em particular) pois pensa sobre algumas condições de existência da literatura e que contribuem para que a escola transforme a leitura literária em uma atividade mais significativa.

Em um ensaio sobre a historiografia literária, o professor Alfredo Bosi conclui que: “Histórico é, ao contrário do que diz a convenção, o que ficou, não o que morreu.” (2007, p. 35). Quer dizer que obras literárias de diferentes épocas se relacionam com os leitores, os textos estão “vivos” e dialogam com nosso presente.

Há professores que preferem abolir a historicidade e trabalham exclusivamente com o texto moderno. Aguiar e Bordini (1993, p. 42) apresentam uma crítica a esta postura pois, segundo elas, impede-se a visão histórica da Literatura, esvazia-se formas, registros lingüísticos e sistemas de idéias de sua relação com o passado; a norma estética dominante é a do realismo enquanto o lado aventureco da estética romântica é menos usado. Ainda segundo elas, a utilização de folhas mimeografadas/ livros didáticos desvirtua o universo de sentidos das obras. Isso seria fruto do pequeno domínio do conhecimento literário do professor e também pela falta de uma proposta metodológica que o embase. A concepção de educação que elas defendem (os métodos) está ligada à noção de transformação sócio-cultural:

“numa leitura em que o aluno descobre sentidos e reelabora aquilo que ele é e o que pode ser.”(AGUIAR e BORDINI,1993, p. 43)

Apesar de haver muitas tentativas na produção de material didático-pedagógico ainda não havia algo suficiente e satisfatório no que diz respeito à Literatura. Muitos professores dividem-se entre seguir a forma tradicional da Literatura histórica (como na maioria dos livros didáticos e apostilas), ou trabalhar com temas e textos relacionados (caso da primeira versão do livro didático público do Paraná). Existem aqueles que usam o texto literário como pretexto para atividades de gramática, sem interesse na sua interpretação. Outros ainda trabalham misturando atividades de várias teorias numa verdadeira “colcha de retalhos” tentando inovar. Porém, percebe-se uma insatisfação tanto por parte dos alunos quanto dos próprios professores, como se observa a realidade do município de Pinhão. Localizado no interior do Paraná, longe de centros de pesquisa mais atualizados e que exemplifica muito bem esta variedade de metodologias parcialmente incorporadas nas práticas docentes. Isto quando novas sugestões não são entendidas de forma errônea e mais atrapalham que auxiliam na aprendizagem.

A historiografia sem contextualização torna-se, na maioria das vezes, sem sentido para os alunos. E o trabalho apenas com temas/ projetos deixa lacunas, pontos confusos que dificultam a compreensão. Para os professores tanto uma forma quanto outra não parece a mais adequada, pois observam a dificuldade do jovem na leitura e análise de textos diversos de épocas diversas; contextualização de conteúdos e a incapacidade do aluno de relacionar Literatura com outras áreas do conhecimento.

Então se propôs a questão: como trabalhar com os textos literários no Ensino Médio de forma que se torne uma atividade mais significativa?

O projeto abordou esta questão através da pesquisa e produção de materiais alternativos para os alunos através de uma Unidade Didática, montada de acordo como o projeto Folhas (SEED) e outras atividades de leitura e escrita, utilizando a metodologia baseada na Estética da Recepção, método recepcional proposto por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar.

Conforme a Diretriz Curricular de Ensino (DCE), sabe-se que o professor não deve ficar preso à historiografia, mas que utilizará outras

correntes que possam ser eficazes no ensino de Literatura como, por exemplo, estudos filosóficos e sociológicos, a Estética da Recepção, a Análise do discurso entre outras que atribuem sentido à análise da obra literária.

Assim se propôs um trabalho com Literatura no Ensino Médio através da pesquisa da Estética da Recepção e assim tentar elevar a qualidade do ensino na escola pública paranaense. Para efetivar este objetivo foi necessário pesquisar sobre essa teoria, participar de cursos oferecidos pela SEED e pela IES, além de desenvolver atividades para a EaD (Educação à distância) na plataforma Moodle, produzir material didático-pedagógico(Unidade Didática) para o ensino de Literatura no Ensino Médio, desenvolver atividades com os alunos da 3ª. série do Ensino Médio no Colégio Estadual Santo Antonio (Pinhão – Pr), através do material da Unidade Didática e enfim produzir este artigo científico como conclusão da pesquisa.

2. Desenvolvimento

Antonio Candido afirma que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana e que a relação entre a obra, o autor e o público é indissolúvel: “ O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criado (2000, p. 33). E a Literatura é uma das artes que, há um consenso entre a maioria dos professores, deve ser ensinada na escola. Em especial do ensino de obras e autores famosos, principalmente obras definidas como “clássicas”.

Para Ítalo Calvino não há a menor dúvida do valor destas leituras para a humanidade, porque elas servem para entender quem somos e aonde chegamos, é no confronto de idéias que elas apresentam que nos situamos no presente. Então, segundo ele, os alunos deveriam ser apresentados a muitas delas e poder fazer suas próprias escolhas dentre as ideias que elas defendem (1993, p. 13).

Parece haver um consenso entre a maioria dos professores sobre a importância do ensino de Literatura na escola. Em especial do ensino de obras e autores famosos, principalmente obras definidas como “clássicas”. Ítalo Calvino apresenta quatorze definições do que é uma obra clássica e a definição que pode traduzir a ideia dos professores da rede estadual é a

sétima: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”(1993, p. 11). E ele vai mais longe: um clássico “funciona”, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê pois

Os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais(ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola (1993, p. 13).

Em busca dos instrumentos para fornecer aos alunos uma “opção de escolha” se encontrou a Estética da Recepção, porque ela se preocupa com o leitor, como este recebe o texto literário e o interpreta.

A “Teoria da recepção” de Hans Robert Jauss (1921-1997) nasceu na Alemanha em meados de 1960 e depois contou com contribuições de outros, entre eles o alemão Wolfgang Iser (1926-2007).

Foi em uma palestra em 13 de abril de 1967 que Jauss investe num ensino de história da literatura diferente dos métodos então seguidos (que são os mesmos até hoje): a sucessão cronológica que ordena autores e obras segundo tendências gerais, gêneros, obras individuais (historicismo); ou o esquema de “vida e obra”de (supostos) grandes autores numa ordem linear.

Seu trabalho era fruto de estudo de outras teorias de várias partes da Europa como, por exemplo, a sociologia da leitura (seu objetivo é estudar o público enquanto fator ativo do processo literário); o estruturalismo tcheco (um bom produto artístico mobiliza vários recursos para chamar a atenção do destinatário e aí reside seu valor) e o *Reader-Response Criticism* (que estuda os vários sentidos que um texto pode ter e como pode ser compreendido pelo leitor).

Em suas teses, Jauss demonstrou ser contra o estruturalismo, apresentou críticas ao positivismo, aos métodos interpretativos da leitura comparada. Viu a necessidade de se restaurar o processo dinâmico entre autor e leitor, utilizando-se para isso a hermenêutica da pergunta e resposta. Esta

teoria serviu para o ensino de outras disciplinas (por exemplo, Arte – História – Design).

Seu êxito foi revalorizar a experiência humana no mundo e a comunicação como condição da compreensão do sentido. Jauss também critica o marxismo por submeter a arte à infra-estrutura econômica e não perceber o caráter inovador e formador da Literatura.

Ele divide seu projeto de reformulação da história da literatura em sete teses, sendo as primeiras quatro, linhas mestras da metodologia. Regina Zilberman (1989,p.33) nos esclarece estas teses, apresentadas aqui de modo bastante resumido.

A primeira trata da relação dialógica entre o leitor e o texto – fato primordial da história da literatura e não o rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período.

Na segunda examina a experiência literária do leitor, ele não interroga as pessoas, sua consulta é dirigida às próprias obras; a obra predetermina a recepção , oferecendo orientações a seu destinatário; cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social (este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo).

A terceira prega a reconstituição do horizonte, Jauss acredita que o valor decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar.

A hermenêutica é a quarta que começa procurando examinar melhor as relações do texto com a época de seu aparecimento. O texto responde a necessidades do público com o qual dialoga, sem o que sua presença não se justifica; significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou. Seu programa de ação investiga a literatura em três aspectos: diacrônico (recepção das obras literárias ao longo do tempo), sincrônico (mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas) e o relacionamento entre a literatura e a vida prática.

Na quinta tese Jauss diz que uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu por isso é necessário situar uma obra na “sucessão histórica”,levando em conta a experiência literária que propiciou,é a história dos efeitos.

Para ele, as obras postas em destaque e que provocam efeitos (sincrônico) são aquelas onde foi feita análise do simultâneo e das mudanças, comparando os cortes e descobrindo os pontos de intersecção, a fim de definir seu caráter articulador e acionando o processo da “evolução literária” em seus momentos formadores e nas rupturas. Esta seria sua sexta tese.

E na última tese examina as relações da literatura com a sociedade (a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social). O autor pensa que a arte não existe para confirmar o conhecido, e sim para contrariar expectativas, então a literatura pode levar o leitor a uma nova percepção de seu universo.

Segundo ele, seria o caráter emancipatório da arte (literatura): o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*).

Wolfgang Iser amplia estas idéias: “[...] é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia.”(1979,p.105).

Iser tenta dispor o conceito de jogo sobre a representação, tentando cobrir todas as operações que acontecem no processo textual. Segundo ele, os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade. Mas possui uma diferença importante: o que acontece neste mundo textual não tem as conseqüências inerentes ao mundo real referido. Assim pode ser considerado um jogo.

De acordo com ele, então há quatro estratégias que permitem um tipo diferente de jogo. Estas estratégias podem ser combinadas de vários modos. São elas:

- a. *Agon* é uma luta ou debate, é o padrão do jogo quando o texto se centra em normas e valores conflitivos;
- b. *Alea* é uma padrão de jogo baseado na sorte e na imprevisibilidade. Sua proposta básica é a desfamiliarização;

c. *Mimicry* é um padrão de jogo designado para engendrar ilusão (mimetismo);

d. *Ilinx* é um padrão de jogo em que as várias posições são subvertidas, recortadas ou carnavaalizadas.

As inúmeras combinações das estratégias de jogo se convertem em papéis. Os jogos resultantes de papéis podem ser produzidos de acordo com regras reguladoras: que fazem o jogo conservador; ou de acordo com regras aleatórias, que o fazem inovador.

Conforme Iser, o jogo do texto pode ser concluído de vários modos:

- em termos de semântica (domina a necessidade de compreensão e de apropriação das experiências dadas);
- obtenção de experiência (os valores podem ser influenciados ou modificados);
- simples prazer da leitura.

Porém deve-se frisar que a recepção competente da Literatura exige muita reflexão e pesquisa. É necessária aplicação de técnicas que não são apreendidas facilmente, torna-se importante seu estudo minucioso.

Pode parecer que Jauss seria apenas um teórico mas não, ele levou sua teoria à prática enquanto trabalhou na Universidade Konstanz (Alemanha Ocidental), com sua experiência pelas pesquisas sobre literatura medieval e sobre literatura francesa e alemã dos últimos três séculos, sua reflexão hermenêutica se formou na práxis da interpretação literária. Porém, anos depois, o próprio autor reconheceu que sua teoria possuía limitações, ele mesmo não desenvolveu uma metodologia para ela, mas outros depois se preocuparam com isto.

Zilberman explica a hermenêutica literária citada por Jauss, a qual apresenta três etapas: a compreensão, a interpretação e a aplicação. A compreensão é o ponto de partida do processo da leitura, a fase seguinte é a leitura retrospectiva (quando se dá a interpretação). O terceiro momento é o da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo (etapa da aplicação). Ou segundo as palavras do próprio Jauss:

Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. [...] De um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o

significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos (1989, p.70).

2.1. Proposta metodológica recepcional

Segundo Zilberman (1989) esta proposta pode ser entendida através destes três passos:

- 1º. Horizonte progressivo da experiência estética - apresentação do texto através da leitura, onde o aluno faz sua primeira leitura que deve estar ao alcance de sua compreensão e experiência enquanto leitor.
- 2º. Horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa - (reconhece a forma do texto), mas é necessário voltar ao texto para “entender os detalhes ainda obscuros”.
- 3º. Leitura reconstitutiva - onde se intervém o conhecimento histórico que localiza o texto na época, as mudanças por que passou e provocou, o modo como foi assimilado a uma linha de tempo.

As autoras Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini aprimoram este método e apresentam suas considerações práticas:

A concepção de educação que defendem (os métodos) está ligada à noção de transformação sócio-cultural, que só se viabiliza através de um ensino eminentemente voltado para a realidade do aluno e que deseja alcançar, com dividendo final, uma postura crítica ante o mundo e a práxis social. [...] (1993, p. 43).

Em busca da leitura crítica, as mesmas autoras apontam a 8ª. série e o Ensino Médio como período onde o aluno elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos. Os livros que abordam problemas sociais e psicológicos interessam ao aluno, possibilitando-lhe a reflexão e a opção por comportar-se de forma mais justa e mais autêntica.

Segundo elas o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. São objetivos do método com relação ao aluno:

- Efetuar leituras compreensivas e críticas;

- Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem;
- Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
- Transformar os próprios horizontes de expectativa bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

O método apresenta as seguintes etapas:

- 1ª. Determinação do horizonte de expectativas: pode ser feita uma pesquisa sobre o interesse dos alunos por determinados tipos de leitura ou, caso o professor já conheça a turma, trazer de imediato um texto que agrade a maioria. O professor pode sugerir algumas questões sobre o assunto que pretende abordar como uma sondagem do conhecimento e interesse do aluno.
- 2ª. Atendimento do horizonte de expectativas: o texto escolhido deve agradar aos leitores e ao mesmo tempo estar de acordo com o nível de entendimento dos mesmos. Obedecendo aos três passos que já foram citados anteriormente, conforme Zilberman (1989).
- 3ª. Ruptura do horizonte de expectativas: o professor propõe a leitura de outro texto que pode ter em comum com o primeiro texto: o assunto, o gênero, a exposição da seqüência das idéias ou uma oposição radical a tudo que o aluno já conhecia a respeito daquele tipo de texto. Com a ajuda do professor se desvenda os sentidos que o texto pode apresentar além do seu contexto histórico.
- 4ª. Questionamento do horizonte de expectativas: o professor propõe uma atividade em grupo ou individual sobre os textos lidos, por exemplo, se os textos anteriores eram poéticos pode-se fazer uma pesquisa sobre as figuras de linguagem utilizadas, rimas ou metrificacão que os poemas apresentam. Discutem-se os resultados e uma nova atividade deve ser feita envolvendo todos os alunos.
- 5ª. Ampliação do horizonte de expectativas: o professor traz um novo texto e sugere uma atividade que aprofunde os conhecimentos que os alunos já adquiriram com a leitura os textos anteriores. Obviamente este apresentará um grau de dificuldade maior e depois de explorado e

devidamente compreendido, o professor pode extrair um novo assunto/tipo para retomada das etapas do método.

Então, selecionada as duas turmas da terceira série do Ensino Médio do turno da manhã e da tarde do Colégio Estadual Santo Antonio iniciou-se o ano letivo de 2009, onde foi aplicada a Unidade Didática elaborada na etapa anterior do PDE. Os conteúdos de literatura dessa Unidade seguem, quase tradicionalmente, os livros didáticos para terceira série do Ensino Médio: vanguardas européias, pré-modernismo, modernismo (principalmente na poesia) até Fernando Pessoa.

A parte gramatical e a produção de textos também seguem conforme os planos de aula do Ensino Médio: preferência por textos dissertativos-argumentativos. Porém, após várias leituras (Marisa Lajolo, principalmente) fica claro que não se pode misturar gramática e literatura. Como exemplo pode-se citar o que a educadora diz sobre a forma como a poesia é trabalhada na escola “bons textos são acompanhados de maus exercícios, é bem provável que a escola esteja ‘desensinando’ ou prestando um ‘desserviço’ à poesia” (2006, p. 40). Não se deve “estragar” o texto literário com análise gramatical. Assim, a proposta não sugere conteúdos de análise gramatical diretamente.

Após algumas atividades de revisão de conteúdos de segunda série, também baseadas na metodologia da Estética da Recepção, iniciou-se a aplicação das atividades da produção didático-pedagógica programada. Como tema provocador propôs-se o conceito de “medo” a ser discutido através dos vários textos escolhidos.

Análise da pintura “O grito” de Munch e suas versões que deveriam ser pesquisadas no laboratório de informática, também se revisariam as vanguardas européias que influenciaram o Modernismo no Brasil. Porém devido à dificuldade em se utilizar tal laboratório foi necessário trazer um data-show para sala de aula e mostrar as pinturas e esculturas selecionadas, houve participação, mas sem a interação que a pesquisa na rede proporcionaria.

E como atividade inicial os alunos fizeram um *fanzine* sobre o tema “medo”. Seguindo os passos sugeridos por Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini, era necessário conhecer o interesse dos alunos sobre o assunto (determinar seu horizonte de expectativas). Por conhecimento prévio,

sabia-se que os alunos nessa faixa etária (15-16 anos) e as turmas escolhidas, apreciam muito filmes de terror, notícias policiais e de acidentes trágicos, músicas e bandas góticas. Obviamente foi apresentado o conceito e exemplos do que era *fanzine*, pois a maioria dos alunos não sabia do que se tratava.

Foi explicado que são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos de amadores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que se julgar interessante, sobre qualquer assunto.

Houve grande aceitação e a maioria dos alunos fez a atividade, com maior ou menor interesse. Apresentaram seus trabalhos com recortes, desenhos, capricharam na apresentação fazendo costuras ou envelhecendo as folhas com fogo. Ficou claro, além dos medos óbvios, que muitos colocaram medos pessoais e bem reais em suas produções, como por exemplo: medo de ficar velho, medo de acidentes de moto ou de perder parentes. Foi uma atividade agradável e participativa que propiciou a leitura de um conto de Cora Coralina sobre este mesmo tema e depois a leitura de trechos de reportagens sobre transtorno de pânico em um *site*. Eles fizeram relatos de familiares que apresentam muitos sintomas apontados na reportagem. Assim, seguindo os passos do Método Receptional foi atendido o horizonte de expectativas dos alunos. Abaixo páginas destes *fanzine* produzidos:

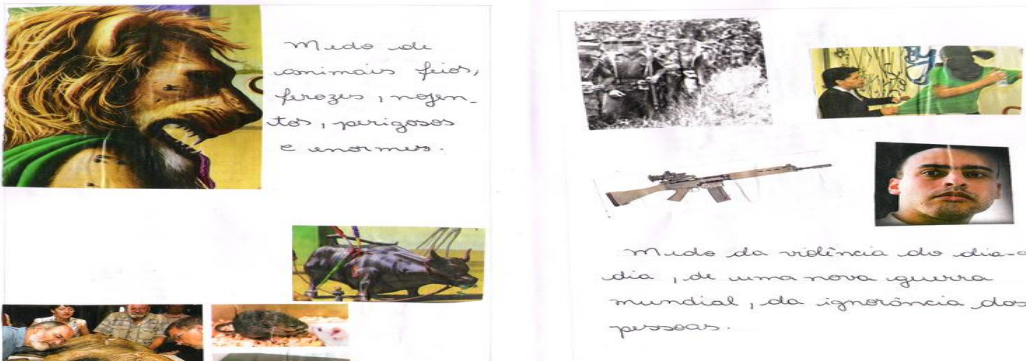


PROVA	NOTA	PROVA	NOTA
Português	25*	Matemática	15*
História	15*	Geografia	20*
Artes	35*	Ensino	15*
Ciências	15*	Idioma	25*
Psicologia	35*	Outros	15*

PROVA REPROVADO


Medo
DE FICAR
POBRE,
INVELHA,
SOLIDÃO
ESCURA

Mundo de animais ferozes, ferozes, negritos, perigosos e amáveis.



Mundo da violência do dia-a-dia, de uma nova guerra mundial, da ignorância das pessoas.

EU TENHO MEDO DE FICAR VELHO.



Aids

DOENÇAS

(Fanzines produzidos pelos alunos das 3ª. séries A e B)

Foi interessante observar que a maioria dos alunos relacionou medos muito parecidos como, por exemplo, medo de perder os pais, de ficar velho (a), de acidentes e medo de armas de fogo (guerras, brigas, assaltos). Alguns até fizeram revelações bem pessoais: medo de insetos (cobras, aranhas, baratas), tempestades (vento, granizo), de ser traído (a). Além de citar assuntos relacionados ao meio ambiente: falta de água potável, de ar limpo, de alimentos, medo da poluição e de doenças (AIDS, tuberculose, DSTs).

A leitura do conto de Carlos Drummond de Andrade “Flor, telefone, moça” excedeu as expectativas, houve cem por cento de participação e duas aulas pareceram curtas para a “contação” de outras lendas urbanas, vistas na TV ou próprias desta cidade. Também foi feita uma atividade extra: reescrever o conto alterando o ponto de vista do narrador (como por exemplo, da moça, do pai ou de um vizinho). E houve o terceiro passo do método recepcional: ruptura do horizonte de expectativas.

As pesquisas sugeridas sobre vários poetas foram apresentadas, foram escolhidos alguns poetas para análise, poucos alunos não participaram da atividade. Alguns alunos demonstraram especial interesse por Florbela Espanca, Mário Quintana e Helena Kolody. Esta última poetiza nasceu próximo a esta cidade e seus poemas falam de lugares e coisas muito conhecidas dos alunos, e assim causou admiração entre eles. Depois os alunos leram e assistiram trechos de “Incidentes em Antares”(DVD) de Érico Veríssimo. Aqui ficou clara a resistência dos alunos em ler obras maiores, enquanto a leitura de contos atingiu toda a turma, não aconteceu o mesmo com o romance. Houve participação na análise e o objetivo do escritor ficou claro para a turma: o clima de medo que a época da ditadura criou nas pessoas. Mas a maioria deles não leu o livro por inteiro. E aqui cabe uma consideração encontrada em leituras anteriores (Ezequiel Theodoro da Silva, 2005) de que os jovens da atualidade exigem outras opções de leitura e que os clássicos sejam apresentados utilizando-se várias formas e recursos.

Também a poesia “Medo” conseguiu atenção de todos os alunos. A poesia de Carlos Drummond de Andrade foi ilustrada com alguns vídeos do *youtube*, assim completou as idéias levantadas com o romance: medo da polícia, medo da falta de democracia, o pânico irracional daquelas pessoas. O texto dissertativo produzido comprovou o entendimento e a clareza das idéias que os alunos construíram com as leituras propostas. A sequência destas atividades fez parte do quarto passo do Método Recepcional que seria o questionamento dos horizontes de expectativas, com início do quinto passo: a ampliação destes horizontes.

Seguindo os passos para leitura sugeridos por Regina Zilbermam: apresentação do texto, quando o aluno faz sua primeira leitura que deve estar ao alcance de sua compreensão e experiência enquanto leitor; horizonte

retrospectivo da compreensão interpretativa (reconhece a forma do texto), mas é necessário voltar ao texto para “entender os detalhes ainda obscuros”; e leitura reconstrutiva, onde se intervém o conhecimento histórico que localiza o texto na época, as mudanças por que passou e provocou (1989, p.70). A leitura do conto “O corvo” de Edgar Allan Poe foi tranquila e o clima de suspense criado pelo poema agradou aos alunos que, apesar de acharem difícil a linguagem e terem que ser auxiliados, fizeram várias leituras em voz alta. Fizeram até uma leitura coral trocando vozes nos versos destacados, testando arranjos diversos. O que no futuro poderia ser transformado em apresentação para outras turmas.

E por fim a leitura de contos diversos de Edgar Allan Poe foi enriquecida com mais contos como: “Venha ver o pôr do sol” (Lygia Fagundes Telles), “O espelho” e “A cartomante” (Machado de Assis), “Uma aposta de muito medo” e “O jardim de inverno do barão” (Edson Gabriel Garcia), entre outros. Para finalizar esta leitura, onde cada aluno leu e escolheu o conto que mais lhe agradou, foi feita uma análise mais detalhada por escrito (interlocutores, tema, mensagem, situacionalidade etc). Todos fizeram e tiveram êxito nesta análise. A análise dos contos foi omitida na Unidade Didática porque cada professor segue uma linha diferente, aqui foram levantados os aspectos acima, mas também é possível analisar tempo, espaço, foco narrativo (isto dependerá do professor e seus objetivos). Também é importante destacar que foram relacionadas características literárias dos textos (escola, autor, estilo, contexto histórico), pois faz parte da proposta da Estética da Recepção junto com a leitura do texto. Algumas vezes foi feita por escrito e em outros momentos apenas exposição oral devido ao tempo disponível.

Também é importante registrar a participação dos integrantes do GTR (Grupo de Trabalho em Rede) que analisaram e discutiram as atividades propostas na produção didático-pedagógica. Em média trinta professores da rede estadual apresentaram sugestões sobre as atividades, via ambiente virtual. Propuseram textos (contos, romances, sites), filmes e outras atividades que podem enriquecer muito futuras produções. Além de dividir experiências positivas e negativas, muitos deles testaram as mesmas atividades deste projeto e perceberam a aceitação por parte dos alunos. Houve relatos muito

animados dos professores que aplicaram e ampliaram a proposta. Fica claro aqui também o importante papel da escola na formação do leitor, pois a forma como esses professores inseriram as atividades propostas em seus planos de aula contribuiu para familiarizar os alunos com textos bons que podem ampliar seus horizontes de expectativas, mas sempre principiando com textos de acordo com suas capacidades de entendimento e interesse.

Por sugestão da orientadora, criou-se um blog (www.alunosantopde.blogspot.com) para partilhar as atividades dos alunos. Por um lado se percebe que eles adoraram ver suas produções na rede e o blog foi enriquecido com sugestões, vídeos e outros assuntos, não só de interesse da terceira série, mas de outras séries do Ensino Médio. Tentando sempre relacionar assuntos diversos e outras artes com literatura. Muitos alunos só acessaram o blog através do laboratório de informática do Colégio. Mas por outro lado, poucos deixaram registrados comentários. A aplicação do projeto acabou em junho, mas o blog continua a ser alimentado com mais textos na medida do possível. Depois das férias de julho foram produzidas, pelos alunos, duas apresentações de poesias com efeitos visuais e legendas para serem postadas no blog.

Após aplicar todas as atividades, pode-se levantar alguns pontos negativos. Em primeiro lugar se enfrentou problemas com a descontinuidade nos debates, uma aula apenas não esgotava o assunto e várias vezes a discussão ficava para muitos dias depois devido aos feriados, jogos na cidade, dispensas e cursos. Praticamente, houve a necessidade de se começar tudo de novo. Em segundo lugar, as atividades foram bem aceitas pelo grupo de alunos, mas nem todos possuíam acesso à internet e o laboratório de informática nem sempre estava disponível, isto atrapalhou alguns planos de aula. Não houve interesse de outras disciplinas no projeto (História ou Artes) o que foi uma pena, pois enriqueceria muito o trabalho. Outro ponto a considerar é a falta de obras repetidas na biblioteca do Colégio, pois o MEC tem enviado caixas de livros, mas sempre um exemplar de cada, isto dificulta a leitura e a discussão de uma mesma obra em sala de aula pois, geralmente, as turmas são numerosas. Também se percebeu que alguns alunos só se dispunham a participar se obtivessem alguma nota em troca, algumas vezes foi necessário atribuí-la, mas em muitos momentos a participação foi espontânea e a “nota” foi

esquecida. E por último a dificuldade com a reprodução dos textos (contos, poesias), pois o Colégio não dispunha de fotocopiadora ou de cotas em estabelecimentos de comércio para uso dos professores.

3. Conclusão

Depois de todas estas considerações, pode-se apontar algumas ideias comprovadas a respeito de Estética da Recepção. Ficou confirmado que os alunos podem descobrir o prazer de ler, talvez não só as obras clássicas que se gostaria, mas uma leitura mais rápida que combina com a “pressa” desta geração que procura soluções rápidas e imediatas. Nesta caminhada é possível que muitos deles cheguem a ser leitores assíduos de clássicos. Porém isto poderá acontecer ao longo de toda sua vida e não só durante sua vida escolar. Também ficou comprovado que suas habilidades de receptores de textos evoluíram e diminuiu a sua resistência de ler qualquer tipo de texto. Fica como sugestão a opção de um Ensino Médio por blocos que poderia ajudar na continuidade das atividades e propiciaria um melhor aproveitamento nas discussões, pois o estímulo de ler e refletir não se perderia pela falta de tempo de aula. E considerando as dificuldades, pode-se dizer que o projeto alcançou êxito. Não só em notas que ficaram acima da média, de forma geral, apresentadas no primeiro semestre pelas turmas. Mas também pelo entendimento e participação deles em todas as atividades da produção didático-pedagógica, que foram plenamente atingidas.

Associar imagens aos textos também foi muito produtivo, pinturas e recortes estimulam os alunos. Sem dúvida esta é uma geração muito ligada ao "visual". Então, sempre que possível, fotos ou vídeos podem acompanhar a leitura e ajudarão aqueles alunos mais "desligados". As inferências ficam mais fáceis quando os alunos veem e não só ouvem sobre determinado assunto.

Porém é necessário observar que a escolha do material utilizado (textos, imagens, atividades) foi feita durante seis meses e foi resultado de pesquisa e reflexão, sem outras atividades que exigissem todo tempo do professor. Seria muito difícil fazer o mesmo trabalho tendo muitas aulas a ministrar. E parece difícil que os passos da Estética da Recepção possam ser adotados sempre, em todas as aulas e turmas do Ensino Médio, devido

unicamente à falta de tempo para planejar cuidadosamente quais textos apresentar e em qual momento. O professor também pode possuir pouco conhecimento sobre a turma e de seus interesses. Ainda existe falta de um material didático nas escolas sobre esta teoria, poucos livros didáticos tentam desenvolvê-la. Para elaboração do projeto foi necessário buscar conhecimentos em outras fontes, fora da escola. Principalmente entre os professores de português são mais conhecidas as teorias de Análise do discurso e Psicolinguística, nenhuma delas voltadas diretamente para o ensino de literatura.

Também se percebeu, através do GTR, que a forma como o professor apresenta o texto e o momento que ele escolhe para tal, possui grande influência no tipo de leitura que os alunos vão fazer. Isto quer dizer que, uma leitura mal conduzida pode destruir o interesse e afastar o texto dos alunos. Muitos colegas professores questionaram a “falta” de análise linguística nas atividades propostas, mas o objetivo do projeto era o ensino de literatura e não atividades de análise linguística. Aliás, nunca se pretendeu isto. Frisou-se muito mais conhecimentos como interlocução, tema, mensagem, informatividade, linguagem e marcas linguísticas apresentadas nos textos. Por isso enquanto se observa professores ansiosos para “conquistar” leitores, outros parecem desmotivados e acham todas as atividades “difíceis” para seus alunos. A escolha do conto “O corvo” foi questionada por muitos, pois parecia muito difícil de motivar e interessar a turma. E aí se volta a considerar: jamais seria uma atividade inicial de uma proposta de incentivo a leitura e ensino de literatura. Antes de ler esse conto é necessário toda uma preparação. Outro exemplo que pode ser citado é a obra de Machado de Assis, seria uma pretensão iniciar seu estudo por *Dom Casmurro*, obra que exige um leitor mais atento e reflexivo. Pensando na Estética da Recepção, seria aconselhável uma leitura inicial de seus contos de mistério e suspense de acordo com a preferência da turma, depois outros contos de análise social e psicológica, assim os alunos iriam se familiarizando com a linguagem, com a ironia, com as peculiaridades do escritor. E só então a leitura de seus romances para análise. Assim o leitor preencheria as lacunas que o texto apresenta de forma mais natural. Isto no que se refere aos alunos, pois os professores podem não gostar de Machado de Assis, mas precisam conhecê-lo, entendê-lo e saber

explicá-lo. Infelizmente isto não acontece, muitos professores relegam os escritores clássicos a pequenos comentários sobre sua biografia e análise de fragmentos de suas obras buscando características de escolas literárias e do próprio escritor, alguns até limitando-se a citá-los porque o currículo exige ou aparecem no livro didático. Através do conhecimento da Estética da Recepção é possível observar as falhas deste ensino que é praticado há muitas décadas.

Não é objetivo desse artigo, criticar colegas ou criticar os métodos de ensino praticados, mas ressaltar a importância dos professores buscarem alternativas e inovar o ensino da literatura, transformando-o em algo significativo para seus alunos, um conhecimento literário em conjunto com quaisquer outros tipos de texto que os faça leitores competentes, ou melhor seria dizer, pessoas melhores e mais felizes. Uma sugestão já discutida por muitos professores e adotada em muitos colégios particulares é dividir a disciplina de Língua Portuguesa (gramática – redação – literatura) e um professor diferente ministrar Literatura em aulas separadas, principalmente no Ensino Médio.

4.Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras,1993.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. Ed. São Paulo: Publifolha,2000.

Fanzine. Disponível em pt.wikipedia.org/wiki _ acessado em 10.10.08

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

----- . Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. (org.) Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva. Série Fundamentos 42. São Paulo: Editora Ática, 2005.

LIMA, Luiz Costa (org). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Hans Robert Jauss...et al. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Ensino de Língua Portuguesa.**

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola.** 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989.